



Farias, com os alunos Fernando e Lorena: Colégio Rio Branco investiu na conscientização de estudantes do 5.º ano em relação às fake news

Online na sala de aula

A escola que forma cidadãos digitais e utiliza o virtual para melhorar o real

'Nativos digitais' aprendem melhor uso das tecnologias dentro dos colégios que levam a sério os processos de letramento digital

ISABELA MOYA

Crianças em tablets, computadores e celulares – os pequenos no mundo digital já são uma realidade, e isso não é um movimento a ser combatido, mas ensinado, segundo especialistas em educação. “O debate sobre tecnologia educacional deve sair do ‘se’ e evoluir para o ‘como’. Não podemos mais discutir se a tecnologia deve estar na escola, mas como isso deve acontecer”, diz o Todos Pela Educação, em documento sobre letramento digital.

É preciso encontrar o equilíbrio – nem uso excessivo nem restrição –, segundo Paulo Blikstein, professor e diretor do Laboratório de Tecnologias de Aprendizagem Transformadora da Universidade de Columbia (EUA). “Isolar a criança dos dispositivos digitais não tem sentido, porque quando acabar o isolamento ela vai estar em um mundo que é dominado por essas tecnologias. Vai enfrentar o mundo sem saber como lidar com isso”, afirma.

Para Ana Paula Gaspar, professora especialista em tecnologia e inovação educacional e assessora de Tecnologia e Educação do Instituto Vera Cruz, a ideia de que a Geração Alpha é de “nativos digi-

tais” esconde o fato de que nascer em um meio não significa fazer bom uso dele. “São nativos digitais, mas não alfabetizados digitalmente. Não é porque estão imersos nessa cultura que estão prontos para lidar com ela”, ressalta.

EXEMPLOS. Pensando nisso, escolas já têm inserido em seus currículos projetos para letramento digital. A BNCC prevê uma competência geral de “cultura digital”, que diz que o estudante deve ser educado para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura. “As escolas têm liberdade para decidir como fazer, se é numa disciplina isolada ou em projetos que atravessam os conteúdos. Mas é um direito, tem de ter, não é opcional”, afirma Ana Paula.

O Colégio Magno/Mágico de Oz, na zona sul de São Paulo, trabalha, na educação infantil, os conteúdos curriculares contextualizados nos temas dos projetos, conforme surgem as necessidades dos estudantes. Uma aula sobre alfabetização e direitos das crianças suscitou, por exemplo, curiosidade em um aluno de 5 anos, que perguntou como leem e escrevem as crianças que não enxergam. Foi então que a professora decidiu realizar uma atividade com os alunos para ensiná-los sobre o Braille, sistema de escrita e leitura tátil para as pessoas cegas ou com baixa visão. “Eles aprenderam as vogais e criaram um jogo para ajudar crianças com problemas de visão”, conta a professora de Tecnologia, Pensamento

Computacional e Robótica, Silvana Scavone.

“Nossa intenção com o letramento digital e pensamento computacional nem de longe é formar programadores. No caso dessa atividade das vogais em Braille, o fato de alunos não pequenos terem entendido de alguma forma que a tecnologia existe para facilitar e melhorar a vida das pessoas nos fez acreditar que estamos no caminho certo”, diz ela.

‘Não podemos mais discutir se a tecnologia deve estar na escola, mas como isso deve acontecer’

Todos Pela Educação

Já o Colégio Rio Branco, na região central da capital paulista, investiu na conscientização dos estudantes do 5.º ano em relação a fake news. Os alunos usaram uma planilha com critérios de verificação das informações para classificar as notícias e, assim, criaram um gráfico indicando os critérios que mais trazem possibilidade de uma informação ser mentira. Por fim, as crianças fizeram cartazes digitais com dicas de combate a fake news.

O aluno de 10 anos Fernando Kusabara conta que, depois da aula, aprendeu a fazer o exercício sozinho, mesmo sem a planilha. “A gente aprende a fazer na nossa mente”, diz. Sua colega, Lorena Basso, de 10 anos, relata que chegou a usar os conhecimentos aprendidos fora da escola, com a família. “Uma vez eu recebi uma

notícia da minha avó e vi que não tinha estudos de apoio, link, autor ou data. Percebi que era uma notícia falsa e falei para ela.”

O professor de Tecnologia Educacional da escola Jorge Farias ressalta a importância para o desenvolvimento das habilidades de cognição e raciocínio lógico das crianças, além da formação social. “Trenamos não só a ferramenta, que enriquece muito o portfólio deles, mas também a cidadania digital, aprendendo a entender o mundo virtual e o papel deles nesse mundo.” Além das fake news, a turma trabalhou o combate ao cyberbullying, a proteção de identidade virtual e o comportamento em jogos online. Na visão do professor, o letramento digital dá aos alunos posturas que os protegem no meio digital.

REDES SOCIAIS. A tecnologia serve para ampliar o repertório de crianças e adolescentes, em uma época em que estão criando sua subjetividade a partir da relação com o outro, explica Ana. Mas isso não significa que devam frequentar redes sociais, o que é desaconselhado pelos especialistas. “Isso não impede de trazer para a discussão quais são os pressupostos de uma rede social: diálogo, respeito, empatia, debate saudável”, diz.

E com os adolescentes é preciso continuar esse trabalho para que sejam capazes de se autorregular. “São os primeiros que veem as agressões em redes sociais. Não há controle parental ou tecnologia que dê conta de descobrir essas ques-

tões”, afirma a especialista em tecnologia educacional. Não há, no entanto, um consenso que determine a quantidade de horas para um uso saudável de redes sociais ou de telas. “Se está há duas horas em um jogo educativo ou programando, tudo bem, mas no TikTok, eu diria que já é demais”, afirma Blikstein.

DESAFIOS. Ele explica que existe um novo conceito de letramento digital, em que aprender a ser um bom usuário das ferramentas digitais já não é suficiente: é preciso entender o funcionamento por trás das tecnologias e ser um produtor. “Mas em um País tão desigual quanto o Brasil, o problema é que para fazer isso precisa de equipamentos, professores capacitados, e o que vemos nas escolas é que, quando há o letramento digital, é só o básico, só ensinam a ser um usuário. Nas escolas de elite, aí sim ensinam a serem produtores, têm espaço maker, aula de programação”, diz o especialista.

Mas a infraestrutura não é um impeditivo, afirmam Ana e Blikstein. Isso porque alguns conceitos que se aplicam ao mundo digital – como resolução de conflito, leitura crítica de mundo, respeito à diversidade e combate ao discurso de ódio, por exemplo – podem ser ensinados mesmo sem equipamentos.

Alfabetizar para o digital Nacer em um meio não significa fazer bom uso dele, alertam os especialistas

Na sala de aula, chegar a um equilíbrio na exposição das crianças ao mundo virtual é outra dificuldade enfrentada por Farias. “Às vezes é muito difícil trazer os alunos de volta quando estão jogando. É preciso colocar limite e ensinar que há hora para jogar, hora para aprender e hora para fazer os dois juntos, aprender jogando”, relata o professor. “Tentamos ensiná-los a ter autocontrole: ‘Quanto tempo estou usando? Por que estou usando? Eu fiquei com a minha família? Fiz a lição de casa? Está me tornando uma pessoa melhor? Estou prejudicando alguém virtualmente?’”

Já para a coordenadora do Colégio Magno, Cláudia Tricate, o problema está no “pensar em atividades inusitadas” para a geração atual. Para contornar isso, “a grande sacada”, diz, está nos adultos ouvirem as crianças. “Temos de estar sempre acompanhando, as possibilidades das crianças são maiores que as nossas. Perceber no que elas se interessam, o que querem saber. Quando fazemos isso, surgem projetos muito legais.”